

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PALISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Miriane Soares Justo

**Biblioteca Escolar: Espaço de formação inicial do leitor na Educação
Infantil**

**Bauru
2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – CAMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Miriane Soares Justo

**Biblioteca Escolar: Espaço de formação inicial do leitor na Educação
Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi.

**Bauru
2016**

Justo, Miriane Soares.

Biblioteca escolar : espaço de formação
inicial do leitor na educação infantil / Miriane
Soares Justo, 2016

59 f. : il.

Orientador: Maria do Carmo Monteiro Kobayashi

Monografia (Graduação)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2016

1. Biblioteca escolar. 2. Educação infantil.
3. Incentivo à leitura. I. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

Miriane Soares Justo

**Biblioteca Escolar: Espaço de formação inicial do leitor na Educação
Infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Maria do Carmo Monteiro Kobayashi – orientadora

Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru

Profa. Dra. Cinthia Magda Fernandes Ariosi

Faculdade Ciências e Tecnologia (FCT) – UNESP – Presidente Prudente

Profa. Dra. Márcia Lopes Reis

Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru

**Bauru
2016**

Dedico a minha avó Silvina, que apesar de não ter conseguido estudar, implantou na filha adotiva o sonho de ser professora. Sonho esse realizado na neta que só pode sentir orgulho de uma família tão esforçada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, misericórdia e sustentação de todos os dias, sem Ele nada seria possível.

À Alice, minha filha, agradeço por me inspirar a ser cada dia melhor, por me fazer vencer as dificuldades e por sorrir de forma a não deixar dúvidas de que todo esforço valerá a pena.

Meus pais e irmãos agradeço por me darem a melhor educação, me amarem e me indicarem sempre os bons caminhos a seguir. Agradeço também por respeitarem minhas escolhas e me apoiarem mesmo sabendo das decepções que a vida nos dá.

Aos meus avós agradeço pelo carinho e por me ensinar que as coisas boas da vida não tem preço; por me receberem e ajudarem meus pais a me educar durante as férias escolares. Por me incentivarem através de exemplos – se eu for um terço do ser humano que vocês são já farei a diferença no mundo de meus alunos.

Agradeço ao Rômulo por sempre ouvir minhas lamentações, ser o editor de meus trabalhos e me auxiliar nos momentos em que precisei de uma segunda opinião.

À minha colega de viagem e sala Naiara Nascimento que muitas vezes me ajudou em trabalhos e estudou comigo para as provas. Sem ela minhas noites não seriam as mesmas, nem meu aprendizado tão rico.

À Camila, Cecília, Daiana, Daniela e Wilza Carla por formarem um grupo unido e esforçado, que me fazem querer ir além sempre e que levarei comigo por todos os momentos da minha vida. Aos demais colegas de sala que participaram de confraternizações, palestras, trabalhos em grupos, avaliações e viagens, tornando tudo mais divertido.

Aos queridos professores que elevaram minha bagagem cultural a um alto nível, que se dispuseram a não somente ensinar conteúdos, mas a trocar informações e ouvir seus alunos, proporcionando a verdadeira educação de qualidade.

À dedicada orientadora Professora Doutora Maria do Carmo Monteiro Kobayashi, por aceitar me ajudar, me auxiliando sempre com paciência e carinho, abrindo mão de seu tempo para clarear meus estudos.

À Daniela, bibliotecária que me inspirou a definir o tema de pesquisa e esteve ao meu lado me incentivando por dois anos, aumentando meu amor pelos livros em um estágio que mudou o foco que seguirei em minha profissão.

Por fim agradeço também a equipe da Secretaria de Educação de Botucatu, por permitir que eu entrasse nas Escolas de Educação Infantil do Município afim de realizar minha pesquisa; às equipes escolares que tão bem me receberam e contribuíram com esse trabalho respondendo as questões das entrevistas e dos questionários, apresentando as escolas, auxiliando a registrar os espaços em fotos – enfim, participando ativamente deste trabalho.

O conteúdo de um livro guarda o poder da educação e é com esse poder que conseguimos moldar o futuro e mudar vidas.

Malala Yousafzai

RESUMO

Os livros fazem parte do cotidiano escolar no decorrer de nossa vida, atualmente, eles são a porta de entrada para os processos de letramento social que tem início com a apresentação desses objetos para os bebês e crianças de Educação Infantil (EI). Essa pesquisa tem como questão principal: conhecer como são as bibliotecas ou salas de leitura nos Centros de Educação Infantil (CEI) de Botucatu. Para tanto, o objetivo geral é conhecer, caracterizar e analisar as bibliotecas de CEIs de Botucatu. O que implicou em: averiguar e analisar a legislação vigente sobre bibliotecas escolares, sua aproximação com a realidade das CEIs e os documentos oficiais da Educação Infantil; Investigar as relações entre a criança e os objetos lúdicos (livros, brinquedos entre outros) e, finalmente, conhecer e descrever a realidade das Bibliotecas Escolares nas CEIs estudadas. A pesquisa é de orientação qualitativa, mais precisamente um Estudo de Caso. O espaço, material e apoio corretos proporcionam uma rica aprendizagem que servirá como base para conquistas escolares. Entretanto, o oferecimento de Bibliotecas Escolares ou Salas de Leitura em muitos casos não é uma realidade concreta. A pesquisa levou em conta quais das Escolas possuem acervo, como se dá a organização do espaço, as atividades lúdicas desenvolvidas com os usuários discentes e quais as funções, formação e responsabilidades do profissional designado como responsável pela Biblioteca Escolar/Sala de Leitura. Destacou-se o dizer dos documentos oficiais como base e motivo desta pesquisa bem como o cumprimento de metas estabelecidas e asseguradas pelos governos municipal, estadual e nacional quanto à implementação de Bibliotecas Escolares em estabelecimentos de ensino, contando com o auxílio de programas como Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE) e Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL).

Palavras-Chave: Biblioteca Escolar. Educação Infantil. Incentivo à leitura.

ABSTRACT

School library: initial training space player in early childhood education

The books are part of the school routine in the course of our lives, currently, we are the gateway to the processes of social literacy that begins with the presentation of these objects for babies and children in early childhood education (EI). This research has the main question: to know how are the libraries or reading rooms in Early Childhood Education Centres (CEI) of Botucatu. Thus, the overall goal is to understand, characterize and analyze the CEIs libraries Botucatu. What implies: investigate and analyze the existing legislation on school libraries, their approach to the reality of the CEIs and the official documents of early childhood education; To investigate the relationship between the child and the playful objects (books, toys etc.) and finally discover and describe the reality of School Libraries in CEIs studied. The research is qualitative orientation, more precisely a Case Study. The space, proper equipment and support provide a rich learning that will serve as the basis for school achievements. However, the offering of School Libraries and Reading Rooms in many cases it is not a reality. The survey took into account which of the schools have assets, how is the organization of space, the playful activities with learners users and which functions, training and professional responsibilities designated as responsible for School Library / Reading Room. It is noteworthy to say the official documents as a basis and motive of this research as well as the fulfillment of established targets and carried out by the municipal, state and national governments on the implementation of School Libraries in schools, with the help of programs like National Fund Development of Education (ENDF), National School Library program (PNBE) and the National Book and Reading Plan (PNLL).

Keywords: School library. Childhood education. Encouraging reading.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BE	Biblioteca Escolar
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CEI	Centro de Educação Infantil
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EI	Educação Infantil
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PME	Plano Municipal de Educação
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLL	Plano Nacional do Livro e Leitura
PPP	Projeto Político Pedagógico
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
SE	Secretaria de Educação
SME	Secretaria Municipal de Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Escola 1, identificação Sala de Leitura.....	38
Figura 2 – Escola 2, identificação Biblioteca.....	38
Figura 3 – Escola 2, placa de identificação com nome da Biblioteca.....	38
Figura 4 – Escola 1, tapete e puffs em formato de dado.....	40
Figura 5 – Escola 2, tapete E.V.A. e puffs em formato de bichinhos.....	40
Figura 6 – Escola 2, puff quadrado.....	40
Figura 7 – Escola 1, revistários.....	41
Figura 8 – Escola 2, revistários.....	41
Figura 9 – Escola 1, estante de aço.....	42
Figura 10 – Escola 3, estante de aço.....	42
Figura 11 – Escola 2, estantes de aço.....	42
Figura 12 – Escola 1, bibliocantos.....	42
Figura 13 – Escola 3, bibliocantos.....	42
Figura 14 – Escola 2, bibliocanto joaninha.....	43
Figura 15 – Escola 3, bibliocanto borboleta.....	43
Figura 16 – Escola 2, livros.....	45
Figura 17 – Escola 3, livro pop-up.....	45
Figura 18 – Escola 3, livro traços orientais.....	45
Figura 19 – Escola 1, livro brinquedo.....	45
Figura 20 – Escola 1, livro conto.....	45
Figura 21 – Escola 1, livro de registro catalográfico.....	48
Figura 22 – Escola 2, coleções de livros.....	48
Figura 23 – Escola 3, coleção de livros.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Localização das instituições escolares.....	37
Quadro 2: Responsáveis pelo suporte a Biblioteca ou Sala de Leitura.....	39
Quadro 3: Atividades oferecidas.....	44
Quadro 4: Caracterização do espaço e acervo.....	47

SUMÁRIO

Introdução.....	15
1. Legislação de Biblioteca Escolar/Sala de Leitura para Educação Infantil.....	17
1.1 Documentos oficiais da Educação Infantil.....	17
1.2 Documentos oficiais da Biblioteca Escolar.....	29
2. A criança e a ludicidade.....	25
2.1 Jogos, brinquedos e brincadeiras.....	25
2.2 Livros e experiências de leitura.....	28
2.3 Espaços de Leitura na Educação Infantil.....	31
3. Biblioteca Escolar/Sala de Leitura na Educação Infantil em Botucatu – SP.....	35
3.1 A metodologia da pesquisa.....	35
3.1.1 Locais e participantes.....	35
3.1.2 Delineamento e procedimento de coleta de dados.....	36
3.2 Análise descritiva e interpretativa.....	37
3.2.1 Identificação e Horário de Funcionamento.....	37
3.2.2 Recursos Humanos.....	39
3.2.3 Mobiliário e Equipamentos.....	39
3.2.4 Atividades oferecidas.....	43
3.2.5 Acervo.....	44
3.2.6 Usuários frequentes.....	46
3.2.7 Caracterização do espaço.....	46
3.2.8 Catalogação e classificação.....	47
3.2.9 Documentos legais.....	48
Considerações Finais.....	50
Referências.....	52
Apêndices.....	55
Apêndice I.....	55

Apêndice II.....	57
------------------	----

Introdução

Os livros fazem parte do cotidiano escolar atuando em diversos momentos com função de lazer, representação, leitura, problematização de conteúdo, entre outros. Esse material, entretanto, recebe espaços e tratamentos diferentes: algumas instituições possuem um espaço próprio como Biblioteca Escolar, outros são armazenados em pequenas saletas ou ainda prateleiras e cantinhos nas próprias salas de aula.

Na Educação Infantil, que “cuida e educa” dos pequenos alunos, predominam as brincadeiras – essenciais para o desenvolvimento humano – e que introduzem de forma lúdica as crianças no mundo adulto. Nesse momento entram os livros: um brinquedo de palavras que conduz ao mundo mágico da literatura.

Com intencionalidade, a brincadeira espontânea é transformada em construção de conhecimento. Para tanto, é preciso contar com uma série de fatores, como por exemplo um profissional que tenha clareza de seu papel e formação de qualidade; material em boas condições de uso, adequado para a faixa etária atendida pela escola; tempo para planejamento prévio; espaço amplo, iluminado e confortável; participação e atenção dos alunos.

Para que as crianças possam desenvolver as diversas linguagens, a ação de ler e ouvir uma história faz com que o livro seja considerado instrumento privilegiado, um símbolo representativo da língua escrita. Proporcionando momentos de leitura, certamente em um futuro próximo, os alunos se tornarão leitores assíduos.

Um espaço disponível para leitura, debates, pesquisas, contação de histórias e outras atividades lúdicas bem como um acervo de livros adequados à clientela da escola, gera motivação e valorização da classe leitora em nosso país, ainda mais em crianças que ainda não leem por si próprias. Estas, participam do universo peculiar dos livros como leitores-ouvintes.

A Biblioteca Escolar possibilita a todos a sua volta o contato com o universo literário, sejam eles alunos, professores, funcionários ou comunidade, inclusive aqueles que não possuem condições financeiras favoráveis ao contato direto com os livros em sua rotina.

Sendo assim, essa pesquisa teve como questão principal e geradora: conhecer como são as bibliotecas ou salas de leitura nos CEIs de Botucatu – SP; o tema apresenta o confronto entre as legislações e a realidade das Bibliotecas Escolares em escolas de Educação Infantil no município já referido. O tema foi escolhido em decorrência da motivação gerada em um estágio na rede privada de ensino – logo, com manifestos e legislações a favor do

oferecimento de Bibliotecas Escolares ou Salas de Leitura nas escolas, surgiu o interesse em observar os demais espaços e buscar a divulgação dos projetos para que as leis sejam cumpridas e haja garantia de Bibliotecas Escolares para todos os alunos.

O objetivo geral dessa pesquisa é conhecer, caracterizar e analisar as bibliotecas de CEIs de Botucatu. Os objetivos específicos englobaram: 1) averiguar e analisar a legislação vigente sobre Bibliotecas Escolares, sua aproximação com a realidade das CEIs e os documentos oficiais da Educação Infantil ; 2) investigar as relações entre as crianças e os objetos lúdicos; 3) conhecer e descrever as Bibliotecas Escolares encontradas nas CEIs quanto à acervo, atividades realizadas, espaço, profissional responsável e atendimento a clientela escolar; 4) divulgar aos contribuintes da pesquisa o relatório final.

A definição do tema a ser pesquisado que surgiu após um estágio, foi confirmado através das disciplinas “Jogos e brincadeiras no Contexto Escolar” e “Literatura na Educação Infantil”, ambas ministradas pela orientadora desta pesquisa – Prof.^a Dr.^a Maria do Carmo Monteiro Kobayashi e pela disciplina “Atividades Lúdicas e Literatura Infantil”, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Manzoni, todas as disciplinas ministradas no curso de Pedagogia da UNESP – Bauru.

A estrutura da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) desmembrou-se em três capítulos: o primeiro referente à Legislação de Biblioteca Escolar/Sala de Leitura para Educação Infantil, no qual são apresentados os documentos oficiais das Bibliotecas Escolares e da Educação Infantil; o segundo é relativo à criança e a ludicidade, no qual é destacado o papel do livro como objeto lúdico e a contação de histórias como momento de interação e brincadeiras. Finalmente, após apresentar a legislação sobre Biblioteca Escolar, depois de inserir e caracterizar a criança com suas necessidade e interesses nessa fase da vida, partiu-se pela verificação de como se dão essas Bibliotecas Escolares nas escolas de educação infantil, pois sabemos que nesse período é que as crianças vivem essa janela única de oportunidades de aprendizagem, desenvolvimento de crescimento físico, cognitivo, afetivo, motor, corporal entre outros. O capítulo da metodologia da pesquisa é intitulado Biblioteca Escolar/Sala de Leitura na Educação Infantil, onde é apresentado o Estudo de Caso, pela abordagem qualitativa, através de análise descritiva e interpretativa dos dados coletados a partir do referencial teórico em escolas públicas de Educação Infantil no município de Botucatu – SP. Os dados foram coletados por meio de questionários semiestruturados a gestores e responsáveis pelo espaço de Leitura e Registros de Campo.

1. Legislação de Biblioteca Escolar/Sala de Leitura para Educação Infantil

1.1 Documentos oficiais da Educação Infantil

A Educação Infantil, voltada para crianças de 0 a 6 anos, constitui-se em espaço de cuidar e educar garantidos por lei na Constituição Federal de 1988, descritos no Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, na Seção I – Da Educação:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2012, p. 121)

Para garantir o acesso e permanência das crianças na escola, o Plano Nacional de Educação (PNE) apresentou como primeira meta: “universalizar, até 2016, a educação infantil na pré-escola e ampliar a oferta de educação infantil em creches de forma a atender, no mínimo, cinquenta por cento das crianças de até três anos até o final da vigência deste PNE” (BRASIL, 2014b, p. 49), as crianças atendidas pelas creches tem entre 04 meses à 03 anos e 11 meses de idade e as de pré-escola tem 4 anos à 5 anos e 11 meses até o fim do ano letivo.

O caráter assistencialista inicial ia contra a concepção de criança – o público alvo das escolas de Educação Infantil -, como nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil “Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva” (BRASIL, 2010, p. 12).

As atividades realizadas na Educação Infantil, visam além das interações, o desenvolvimento do indivíduo de forma integral, segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI):

[...] a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998, p. 23, vol.1)

Entretanto, muitos ignoram a importância e complexidade do trabalho pedagógico realizado com as crianças, representados nas poucas informações conhecidas sobre o profissional que trabalhará diretamente na Educação Infantil: “[...]vários estudos têm mostrado que muitos destes profissionais ainda não têm formação adequada, recebem remuneração baixa e trabalham sob condições bastante precárias” (BRASIL, 1998, p. 39, vol. 1).

O artigo 53 do Capítulo IV – Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) discorre sobre o direito a: acesso e

permanência na escola, respeito dos educadores, contestar critérios avaliativos, organização e participação em entidades estudantis e acesso à escola pública e gratuita próxima de sua casa, pois “ A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1990).

A estrutura da Educação Infantil, buscando atender as peculiaridades da infância, é definida e dividida em um primeiro momento por idade, seguida de outros critérios como âmbitos de experiências e eixos de trabalhos, como consta no RCNEI:

Essa estrutura se apoia em uma organização por idades — crianças de zero a três anos e crianças de quatro a seis anos — e se concretiza em dois âmbitos de experiências — Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo — que são constituídos pelos seguintes eixos de trabalho: Identidade e autonomia, Movimento, Artes visuais, Música, Linguagem oral e escrita, Natureza e sociedade e Matemática. (BRASIL, 1998, p. 43, vol. 1)

O horário de funcionamento das instituições de Educação Infantil varia de acordo com a necessidade local, sendo em maioria no período diurno – manhã e tarde -, funcionando em locais caracterizados como “[...] espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial” (BRASIL, 2010, p. 12).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) apresenta a concepção de Educação Infantil em seu Artigo 29 com diversos aspectos que englobam o desenvolvimento: “primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

As ações desenvolvidas na Educação Infantil são de extrema importância, visto que a infância é utilizada como base para todos os aprendizados futuros. A essência desse período, o brincar, é o meio de assimilação da realidade e também “[...]uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira” (BRASIL, 1998, p. 23. vol. 2).

O modo de organizar os espaços da Educação Infantil deve possibilitar uma rotina rica em aprendizagens a partir de atividades comuns como jogos, brincadeiras de faz-de-conta, leituras, representações. Para garantir esses espaços, os governos se unem, como mostra o Artigo 59 do ECA – “Os municípios, com apoio dos estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude” (BRASIL, 1990).

A Constituição Federal de 1988 prevê o tratamento do educando como pessoa em desenvolvimento, evitando que o tratem como folha em branco, pois está em contato com a história e a cultura a todo momento, sendo o próprio consumidor e produtor de cultura:

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. (BRASIL, 1998, p. 21, vol. 1)

O Referencial Curricular Municipal para Educação Infantil do Município de Botucatu (BOTUCATU, 2013), explicita os benefícios do acesso à educação infantil para a criança, visto que a convivência cotidiana com os colegas conquistados no espaço escolar e com os profissionais da educação propicia novos conhecimentos das mais diversas áreas e realidades; tratando a diferença e a diversidade com o cuidado merecido, as crianças passarão a valorizar e respeitar as características particulares dos indivíduos.

Para propor atividades significativas para a criança, além do respeito do profissional educador para com o aluno, o uso de equipamentos e materiais garantidos através de recursos e verbas dos governos em instâncias federais, estaduais e municipais, é preciso intencionalidade do educador - seja ele atendente ou professor -, pois o mesmo “[...] deve buscar situações de aprendizagens que reproduzam contextos cotidianos nos quais, por exemplo, escrever, contar, ler, desenhar, procurar uma informação etc. tenha uma função real” (BRASIL, 1998, p. 35, vol. 1).

1.2 Documentos oficiais da Biblioteca Escolar

Os dizeres oficiais sobre a Biblioteca Escolar (BE) são encontrados em âmbitos internacionais, nacionais, estaduais e municipais, o que demonstra a preocupação com o espaço de leituras dentro das instituições escolares.

A necessidade de Bibliotecas Escolares voltadas para a Educação Infantil, entretanto, aparenta ainda não ser um consenso e muito menos uma realidade, visto que o público discente, crianças de 4 meses a 6 anos incompletos, ainda não é alfabetizado. Aspectos como a importância e o uso de Bibliotecas por crianças em Educação Infantil são tratadas por Milanesi:

A biblioteca teria espaço para as crianças não alfabetizadas, área adequada às suas exigências, que desde cedo aprenderiam a chegar às informações, combiná-las e confrontá-las. As crianças aprenderiam a ser autônomas na biblioteca e exigentes: extrairiam dela o que lhes fosse útil ou tivesse algum sentido. A biblioteca seria, então, uma escola dentro da escola, sem que

houvesse divisórias. Ou seja, o trabalho do professor e do bibliotecário seria o mesmo. (MILANESI, 1993, p. 88)

Um dos documentos norteadores da pesquisa é o Manifesto IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares, aprovado em 1999 na Conferência Geral, levando em conta que a Biblioteca Escolar “habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.” (IFLA/UNESCO, 1999). A Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA), órgão da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), publicou também, em 2002, as Diretrizes para as Bibliotecas Escolares.

O Decreto n.º 7.559 de 01 de setembro de 2011 regulamenta o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), com ações voltadas a promoção da leitura no Brasil. O Caderno do PNLL correlaciona o baixo acesso a livros com a concretização da leitura: “As dificuldades de acesso a livros em geral, e mesmo em escolas e bibliotecas, somado ao baixo poder aquisitivo da absoluta maioria dos leitores propicia efetivamente alternativas escassas para que se concretize a leitura” (BRASIL, 2014a, p. 11), ou seja, os baixos índices de leitura e taxas elevadas de analfabetismo possuem ligações diretas com a insuficiência do contato com livros – seja pelo preço elevado do material ou pela ausência de bibliotecas nas escolas.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) (BRASIL, 1968), criado pela Lei n.º 5.537 de 21 de novembro de 1968 e responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação e Cultura (MEC), é uma instituição de referência na Educação Brasileira que inova o modelo de compras governamentais. Projetos e programas em execução: Alimentação Escolar, Livro Didático, Dinheiro Direto na Escola, Biblioteca da Escola, Transporte do Escolar, Caminho da Escola, Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil.

Um dos projetos abrangidos pelo FNDE que aqui nos interessa é o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) (BRASIL, 1997). A missão do programa é promover o acesso e incentivar o hábito da leitura em alunos e professores da rede pública da educação básica, para tanto, distribui itens de acervos de literatura, pesquisa e referência. Para atender todas as etapas da educação foi preciso alternar em dois anos os níveis de ensino: em anos pares são atendidas escolas de Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA); já em anos ímpares são atendidas escolas de anos finais do Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Sobre os itens distribuídos às escolas por meio do PNBE:

O programa divide-se em três ações: avaliação e distribuição de obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas,

cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico. (BRASIL, 1997)

O Manifesto para Bibliotecas Escolares (IFLA/UNESCO, 1999) apresenta como responsável pela Biblioteca Escolar as autoridades em nível local, regional e nacional; devendo ser apoiada por política e legislação específicas além de contar com fundos apropriados para funcionários treinados, materiais, tecnologias e instalações. Para a implementação e manutenção das Bibliotecas Escolares, além da publicação do Manifesto, busca-se a divulgação e o planejamento por parte dos governantes:

Por intermédio de ministérios da educação e cultura, são conclamados os governantes de cada país para desenvolver estratégias, políticas e planos de implementação aos princípios deste Manifesto. Esses planos devem prever intensa divulgação do Manifesto, tanto em programas de formação básica como de educação contínua a bibliotecários e professores. (IFLA/UNESCO, 1999)

Um dos Eixos de Ação apresentados pelo Caderno PNLL trata da democratização do acesso por meio da implantação de novas bibliotecas (BRASIL, 2014a, p. 27) que incluam em seu acervo livros em braile, digitais, audiolivros, computadores com internet, jornais, revistas e outros periódicos, assim, esses espaços funcionarão como centros de produção e irradiação cultural.

As resoluções da Secretaria de Educação (SE) do governo do estado de São Paulo de n.º 15 – de 18-02-2009 (SÃO PAULO, 2009) e de n.º 70 – de 21-10-2011 (SÃO PAULO, 2011), dispõem sobre criação, organização e instalação de Salas e Ambientes de Leitura nas escolas da rede estadual de ensino; entretanto, as resoluções não atendem as instituições de Educação Infantil, visto que a obrigatoriedade do oferecimento e manutenção das mesmas é dos municípios.

O Referencial Curricular Municipal da Educação Infantil (BOTUCATU, 2013) entende como fundamental proporcionar situações de aprendizagem da linguagem oral e escrita. Situações em que seja possível a interação verbal; ouvir histórias contadas e lidas; agir como autores criando, contando e recontando histórias e estar em contato com os mais diversos suportes textuais, como livros, revistas, embalagens, jornais, receitas, entre outros.

A biblioteca escolar como espaço privilegiado de disseminação cultural, pode ser palco de diversas atividades:

A biblioteca infantil poderá ser um espaço cultural, um local onde as crianças poderão usufruir serviços como contação de histórias, roda de leitura, dinâmicas culturais, palestras, exposições, cursos, concursos e oficinas, além de poder emprestar e consultar no local livros, revistas e outros materiais. (KOBAYASHI, 2013, p.132)

Os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil analisam no tópico 5.1 Espaços e mobiliários que favorecem as experiências das crianças; a Biblioteca Escolar ou Sala de Leitura é mencionada em: “5.1.1 Há espaço organizado para leitura, como biblioteca ou cantinho de leitura, equipado com estantes, livros, revistas e outros materiais acessíveis às crianças e em quantidade suficiente?” (BRASIL, 2009, p. 51).

Aprender a ler e escrever, atividades do Eixo da Linguagem oral e escrita, apresentam um marco na educação do indivíduo em nossa sociedade letrada. A biblioteca escolar pode atuar como porta de acesso ao conhecimento e à informação, bases da nossa sociedade (IFLA/UNESCO, 2002). Para tanto, Kobayashi diz que a criança deve manipular o objeto, no caso o livro:

Um dos caminhos para a aprendizagem da leitura e da escrita é criar um ambiente que disponibilize a criança livros e objetos a serem decifrados nos quais irão encontrar um mundo de ideias desafiadoras. A criança aprende ler, “lendo” livros; manipulando-os; vendo as suas imagens, os desenhos; identificando letras, palavras; virando páginas; fazendo leitura de cima para baixo, da esquerda para a direita; aprendendo convenções com auxílio das imagens, desenhos de escrita, letras de numerais, de pontuação, palavras, escrita cursiva e orientação espacial para leitura. (KOBAYASHI, 2012, p.102)

O RCNEI afirma que a aprendizagem da língua está associada com o contato com os diversos textos e seus suportes; para construir a capacidade de ler e as práticas da escrita é preciso conhecer e conviver com acervos literários, aprender de maneira similar a reprodução do exemplo: “[...] Não é raro observar-se crianças muito pequenas, que têm contato com material escrito, folhear um livro e emitir sons e fazer gestos como se estivessem lendo” (BRASIL, 1998, p. 128, vol. 3).

Para incutir na criança o gosto pela leitura, frequentar biblioteca é uma alternativa eficaz, visto que:

A biblioteca escolar é preferencialmente o local onde se incute o gosto pela leitura. Depois de dominado o mecanismo de ler, é indispensável levar o aluno a interessar-se pelas questões que ficam em aberto. Alimentar essa “fome de ler”, oferecendo-lhe um menu variado e opíparo. A biblioteca escolar é o lugar onde cada criança ou adolescente aprenderá a explorar, escolher e delimitar o seu próprio horizonte. (CABRAL, 1996, p. 79-80)

O Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação deu origem a publicação de um documento voltado ao funcionário que atua na Biblioteca Escolar, material

classificado como Técnico em Multimeios Didáticos, lançado em 2007 e permanece disponível na plataforma digital do MEC. O documento é de grande importância, visto que quem atua nas Bibliotecas Escolares muitas vezes é o profissional readaptado, que não possui a formação específica da área e acaba por atuar no lugar do bibliotecário. Entretanto, mesmo com cursos de formação o profissional readaptado não deveria ocupar o lugar de um especialista que estudou para exercer sua função:

Para se chegar a uma biblioteca-modelo, destinada às escolas, é preciso algumas alterações fundamentais: se não deve existir escolas sem bibliotecas, não deve existir bibliotecas sem bibliotecários. São estes que organizam o espaço e os serviços para receber e servir ao usuário-estudante. [...]O bibliotecário é mais do que um guarda-livros. Ele é um guia, principalmente dos mais jovens, nas primeiras caçadas, na aventura tétrica de enfrentar mil livros com trezentas páginas. (MILANESI, 1993, p.87-88)

As Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares apresentam também as aptidões e capacidades necessárias do bibliotecário:

O bibliotecário possui conhecimento e habilidades necessárias para proporcionar o provimento e a solução de problemas de informação, além de ser um especialista no uso de todo o tipo de fontes, tanto na forma impressa como eletrônica. Seus conhecimentos, habilidades e especialidade devem atender às demandas de uma determinada comunidade escolar. Além disso, ele deve organizar campanhas de leitura e de promoção da literatura, dos meios de difusão e cultura infantis. (IFLA/UNESCO, 2002)

No âmbito municipal, as políticas voltadas à Biblioteca Escolar/Sala de Leitura podem ser encontradas no Plano Municipal de Educação (PME), no artigo 39 que discorre sobre as estratégias adotadas para uma gestão democrática. Sobre a leitura e a biblioteca, observa-se o inciso “VIII - Fomentar a articulação da escola com os diferentes espaços educativos, culturais e esportivos, tais como: centros comunitários, bibliotecas, praças, parques, museus, teatros, cinemas, entre outros;” e o inciso “XX - Instituir programa de leitura e formação de leitores, com a capacitação de professores e agentes de atividades escolares como suporte pedagógico para atendimento nas Bibliotecas” (BOTUCATU, 2015, p. 07).

O papel do gestor “Como líder pedagógico da escola e figura-chave na criação de um ambiente para a implementação do programa escolar” (IFLA/UNESCO, 2002, p. 17) também é o de promover, incentivar e reconhecer a importância da biblioteca na escola.

A LDB de 1996, um documento de grande importância para a educação, mostra o papel do gestor quanto à proposta pedagógica; administração de pessoal e de recursos; cumprimento do calendário letivo e do plano de trabalho dos professores; garantia do aprendizado; integração da família e da comunidade com a escola; transparência aos pais quanto aos processos escolares.

Art. 12 – Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I – elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II – administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- IV – velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- V – prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
- VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
- VII – informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica. (BRASIL, 1996)

Assim, a equipe gestora é líder e responsável por preparar, organizar e administrar os espaços da escola, proporcionando vivências que culminam em aprendizados e garantindo o melhor aproveitamento do espaço escolar por seus alunos.

2. A criança e a ludicidade

2.1 Jogos, brinquedos e brincadeiras

Os brinquedos e brincadeiras estão intrinsecamente ligados à infância. Eles fazem parte do cotidiano infantil, de maneira que grande parte do tempo é destinada as ações de brincar. De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, Vol. 2), brincar é uma atividade habitual e frequente - ditada pelas necessidades e interesses das crianças de cada faixa etária.

Para aprender, a criança faz uso de suas experiências, que em muitas vezes ocorrem por meio da brincadeira. A interligação de aspectos quantitativos e qualitativos resultam em ricas experiências – necessárias ao desenvolvimento.

A criança precisa de “alimento para o pensamento” da mesma forma que seu corpo precisa de alimento para crescer, quanto mais explora o mundo que a cerca, mais rápido será seu desenvolvimento. Assim fica claro que tanto a quantidade quanto a riqueza e variedade das experiências são muito importantes. O progresso de desenvolvimento da criança ao longo do crescimento é contínuo, mas marcado por etapas caracterizadas por um tipo particular de lógica, de pensamento. (BOTUCATU, 2013, p. 18)

As instituições de Educação Infantil que oferecem creche e/ou pré-escola, sendo conhecedores do papel do brincar devem garantir às crianças o acesso, a segurança, tempo e objetos necessários para desencadear e apoiar a tal atividade; cumprindo assim o dever da sociedade em geral de certificar-se do cumprimento dos direitos da criança quanto à vida, saúde, alimentação, educação, esporte, lazer, entre outros - o 4º artigo do ECA (BRASIL, 1990).

Os espaços bem planejados dispõem de ambientes destinados à brincadeira, adequados às necessidades das crianças quanto a espaço físico, estímulos visuais e materiais a sua disposição, garantindo a segurança e prezando pela autonomia infantil. Quando o objeto - seja ele o espaço, os brinquedos, os móveis ou outro material utilizado - deixa de cumprir sua função o mesmo deve ser retirado, renovado ou substituído.

Para conhecer, assimilar e ser inserido na cultura dos grupos dos quais as crianças pertencem, elas recorrem e tem na brincadeira e fonte para tanto. O RCNEI (BRASIL, 1998, Vol. 1) refere-se à brincadeira como um espaço no qual as crianças conhecem o mundo e desenvolvem um entendimento sobre os diversos temas.

O jogo tem grande poder e influência sobre o processo de aprendizagem das crianças: toda atividade antes maçante quando transformada em jogo passa a despertar curiosidade.

Segundo Piaget, “[...] a criança que joga desenvolve suas percepções, sua inteligência, suas tendências à experimentação, seus instintos sociais etc.” (PIAGET, 1988, p. 158).

Piaget considera o jogo com suas formas particulares um modo de apropriação e transformação da realidade. Oferecer o jogo adequado à faixa etária, ao momento específico de curiosidade e conhecimento em que a criança se encontra, colabora para a ampliação da inteligência infantil.

O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensoriomotor e de simbolismo, uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil. (PIAGET, 1988, p. 160)

A relação da criança com o brinquedo e seu uso, é muitas vezes ditada pelo adulto. Mesmo que visando o cuidado com a criança, é preciso entender que a atividade de brincar com o brinquedo envolve ações que vão muito além de olhá-lo:

Brinquedo não é só para ver, é para tocar, sentir, lamber, movimentar, experimentar suas possibilidades em todas as formas e jeitos. Às vezes, a curiosidade leva a destruir o brinquedo para conhecer seu interior, ver como funciona, o que acontece com ele, o que faz ele se mover. Brinquedo é para todas as idades e só tem função quando utilizado para brincar. Brinquedo é material de consumo, estraga, perde validade, fica antigo, fora de moda, quebra. Não é objeto de decoração. Brinquedo é suporte de brincadeira, portanto, deve estar sempre disponível. (KISHIMOTO, 2012, p. 147)

A disposição dos jogos, brinquedos e demais materiais utilizados pelas crianças devem estar organizados de maneira facilitadora para as atividades, prezando pela autonomia e segurança das crianças. Os materiais costumam se desgastar com o tempo, o que não pode caracterizar motivo para guarda-los em armários longe do alcance das crianças (BRASIL, 1998, Vol. 1).

A brincadeira, assim como uso do jogo – muitas vezes instrumento da primeira -, propicia o entendimento de mundo e o desenvolvimento da criança:

Brincar é repetir e recriar ações prazerosas, expressar situações imaginárias, criativas, compartilhar brincadeiras com outras pessoas, expressar sua individualidade e sua identidade, explorar a natureza, os objetos, comunicar-se e participar da cultura lúdica para compreender seu universo. Ainda que o brincar possa ser considerado um ato inerente à criança, exige um conhecimento, um repertório que ela precisa aprender. (KISHIMOTO, 2012, p. 11)

Para que o momento de brincadeira da criança seja garantido, com as especificidades que o acompanham, é necessário levar em conta a intencionalidade do adulto, em maior

parte, o professor. As ações devem ser guiadas pela reflexão dos estudos voltados à criança, uma área e trabalho ainda não valorizados: “O trabalho pedagógico junto às crianças na Educação Infantil acaba sendo considerado por muitos como uma ação simples e espontânea, mas essa concepção romântica esconde a natureza complexa das realidades que encontramos.” (KOBAYASHI, 2012, p. 25).

O fato de a criança brincar consecutivamente leva a errônea interpretação de que a brincadeira é natural, inata a elas, que já nascem sabendo brincar, logo, nada precisa ser feito pois ocorrerá naturalmente (KISHIMOTO, 2012,). Eximir-se do planejamento e efetivação do jogo, brinquedo e brincadeira com a criança, é deixá-la como responsável de parte de seu desenvolvimento.

A ação do professor quanto ao brincar reflete-se na prática e qualidade da brincadeira das crianças: “A ação da professora é fundamental para ampliar a qualidade do brincar, observando os interesses da criança e as práticas do universo profissional da comunidade, de modo a criar outras brincadeiras de faz de conta ou fazer mediações.” (KISHIMOTO, 2012, p. 100).

Na brincadeira, os objetos podem servir para outras funções além daquela previamente definida, atuando concomitantemente como instrumento de reflexão dos acontecimentos que deram origem à brincadeira. Nesse momento, a autonomia tem grande importância: “Para brincar é preciso que as crianças tenham certa independência para escolher seus companheiros e os papéis que irão assumir no interior de um determinado tema e enredo, cujos desenvolvimentos dependem unicamente da vontade de quem brinca.” (BRASIL, 1998, p. 28, Vol. 1).

O RCMEI (BOTUCATU, 2013, p. 19) traz a brincadeira e o jogo como recurso pedagógico da construção do conhecimento:

Na educação infantil, a construção do conhecimento está permeada pelo lúdico, assim a brincadeira simbólica ou o jogo de faz-de-conta é um importante recurso pedagógico, pois possibilita a interação entre as crianças, a vivência de regras e papéis sociais, juntamente com o desenvolvimento da linguagem e de habilidades cognitivas.

Para agrupar as atividades de brincar, faz-se uso de grupos de experiências de acordo com o material ou recurso utilizado: “Estas categorias de experiências podem ser agrupadas em três modalidades básicas, quais sejam, brincar de faz-de-conta ou com papéis, considerada como atividade fundamental da qual se originam todas as outras; brincar com materiais de construção e brincar com regras.” (BRASIL, 1998, p. 28, Vol. 1).

A seleção dos brinquedos adota uma série de critérios que nas escolas infantis visam as necessidades de educação das crianças. O brinquedo não necessariamente precisa ser industrializado: pode-se optar em utilizar brinquedos artesanais, além claro, da possibilidade de confeccioná-los. Os cuidados necessários variam de acordo com a situação e o público alvo.

Para selecionar brinquedos, além de observar o selo do INMETRO é necessário considerar uma variedade de fatores: adequação à criança, segurança, durabilidade, oportunidades para brincar que propiciam, diversidade dos usos, diversidade de materiais, se são atraentes, se atendem à diversidade racial sem preconceitos de gênero, classe social e etnia, se não estimulam a violência, se são brinquedos tecnológicos, artesanais e/ou produzidos pelas crianças, professoras e pais, além de atender à quantidade de crianças do agrupamento. (KISHIMOTO, 2012, p. 148)

A organização das salas de aula deve ser planejada levando em conta os diversos ambientes para atividades, além de espaços para guardar brinquedos e jogos. “Nas salas, a forma de organização pode comportar ambientes que permitem o desenvolvimento de atividades diversificadas e simultâneas, como, por exemplo, ambientes para jogos, artes, faz-de-conta, leitura etc.” (BRASIL, 1998, p. 68, vol. 1)

2.2 Livros e experiências de leitura

As primeiras experiências de leitura variam de acordo com o indivíduo: há aqueles que entraram em contato com a literatura ainda no útero de suas mães; outros que eram ninados com histórias cantadas, contos clássicos ou ainda pequenos trechos da Bíblia; alguns fizeram uso de livros em diversos materiais e formatos, por exemplo, livros para banho, de tecido, sonoros, pop-ups; outros ainda conheceram a literatura somente na escola.

O acesso à literatura não está ligado a faixa etária do sujeito nem a conhecimentos prévios pelo fato de que “[...] não existe uma idade mínima que a criança seja estimulada à leitura. Desde que o indivíduo tenha a percepção de imagens, sons, cores e texturas, é possível iniciá-lo nessa prática.” (KOBAYASHI, 2013, p.125).

Ao ler para as crianças, o professor deve atentar-se aos detalhes do texto e a mensagem transmitida através da história e de sua leitura:

O ato de leitura é um ato cultural e social. Quando o professor faz uma seleção prévia da história que irá contar para as crianças, independentemente da idade delas, dando atenção para a inteligibilidade e riqueza do texto, para a nitidez e beleza das ilustrações, ele permite às crianças construírem um sentimento de curiosidade pelo livro (ou revista, gibi etc.) e pela escrita. A importância dos livros e demais portadores de textos é incorporada pelas crianças, também, quando o professor organiza o ambiente de tal forma que

haja um local especial para livros, gibis, revistas etc. que seja aconchegante e no qual as crianças possam manipulá-los e “lê-los” seja em momentos organizados ou espontaneamente. (BRASIL, 1998, p. 135, vol. 3)

A leitura, além de ser um ato cultural e social, está intimamente ligada ao aprendizado: “As atividades de estímulo à leitura envolvem aspectos culturais como também de aprendizado. Há uma ligação direta entre o nível de leitura e os resultados do aprendizado.” (IFLA/UNESCO, 2002, p. 19).

Pimentel (2007, p. 82) apresenta uma definição de leitura em que utilizamos como base conhecimentos prévios:

Ler é um processo em que o leitor é instigado a desenvolver, por meio do trabalho mental entre as unidades de pensamento, a construção de significados com base nos conhecimentos já incorporados no seu repertório. Significa estabelecer vínculos entre um número cada vez maior de informações. Ler é, portanto, transformar a mensagem escrita em mensagem sonora, compreender, analisar e associar com a realidade.

Entretanto, lembramos que a leitura não necessariamente precisa ser feita sobre a mensagem escrita; pois como nos diz Paulo Freire (2009, p. 11), “[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Grande exemplo de leitura de imagens são os Livros sem Texto, onde a leitura é feita através do olhar, da observação sob as páginas do livro sem palavras. O olhar do leitor encontra o olhar do autor e cada qual significa o que vê de acordo com sua leitura e percepção do mundo (ABRAMOVICH, 2006).

O acesso à literatura diz muito sobre o hábito de leitura do indivíduo: “Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura.” (BRASIL, 1998, p. 143, vol. 3), sendo assim, o oferecimento de bons livros está relacionado com o surgimento de leitores assíduos, que se deleitam com a leitura.

Para aflorar nas crianças o gosto pela leitura e literatura, o adulto costuma optar e persistir nos materiais – livros, gibis, almanaques, etc. -, de sua preferência. Entretanto, a indicação de leituras deve levar em conta a liberdade do novo leitor como capaz de guiar suas aventuras nas histórias de maneira autônoma (KOBAYASHI, 2013).

O momento de contação de histórias é visto pela criança como uma brincadeira com alta popularidade, visto que anseiam em conhecer outras histórias ou ouvir novamente aquela que tanto gostaram. A participação com comentários antes, durante e depois da história, é um dos indicativos do gosto da literatura através da contação de histórias. Kishimoto (2012, p. 30) diz que as crianças, “Ao participarem, vão se tornando leitoras, ouvindo, vendo, falando, gesticulando, lendo, desenhando sua própria história e construindo novas histórias.”.

A leitura, em especial a leitura literária, é tida como um momento de lazer prazeroso. Além da diversão, da viagem na história, a leitura propicia ainda um bônus: conhecimento e bagagem cultural podem ser obtidos através da leitura.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer [...] (ABRAMOVICH, 2006, p. 17)

As primeiras experiências de leitura das crianças são guiadas por um leitor mais experiente, seja ele criança ou adulto. Usar a literatura como instrumento para aprender a ler e escrever é aprender levando em conta a autonomia, o prazer e situações significativas para o estudante (BRASIL, 1998, vol. 3).

O mediador de leitura da criança é sempre o leitor mais experiente, criança ou adulto. O educador, profissional com formação completa e foco de especialista sob a criança, possui uma maior sensibilidade no momento de reconhecer as emoções de seus pequenos estudantes, estando atentos quando a maneira de oferecer a elas objetos e explicar atividades (KOBAYASHI, 2012).

Uma das formas de uso da literatura pela criança é brincar de dramatizar histórias e recontar clássicos de sua maneira. Segundo Kishimoto (2012), a dramatização de histórias imaginárias deve ser livre, pois com brincadeiras de faz de conta e recontando histórias, as crianças liberam e expressam suas emoções e desejos.

Para Pimentel (2007), o leitor infantil precisa de tratamento específico devido ao potencial de leitura que carrega consigo. Se o potencial for bem desenvolvido, a leitura se estenderá por toda sua vida e o indivíduo participará da construção da cidadania ativamente.

A leitura para Macedo (2005), deve ser direcionada pelos profissionais da escola visando o aumento da sensibilidade e da imaginação, além das capacidades básicas esperadas:

Ao professor e também ao bibliotecário caberá aproveitar todos os momentos para conduzir o aprendiz a praticar leituras nos diversos aspectos, cuidando do despertar das capacidades básicas e dos sentidos reais e figurados, do apurar a sensibilidade e a imaginação, para “ler a vida” ao seu redor, para entender o social e o cultural; enfim, não só ficar sentado na carteira escolar ouvindo o professor. (MACEDO, 2005, p.174)

O uso da leitura como instrumento de conhecimento cultural e social auxilia o leitor na aceitação de sua comunidade, além do respeito e do reconhecimento da existência de muitas outras. As peculiaridades das diversas culturas com suas tradições, valores e comportamentos

despertam no outro a curiosidade em conhecer e o conceito de que o diferente não é melhor nem pior, é apenas diferente:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças. (BRASIL, 1998, p. 143, vol. 3)

A seleção de títulos para a sala de aula, mesmo obedecendo alguns critérios, pode não agradar a todos alunos. Se cada leitor puder manusear, pensar, separar, escolher o volume que naquele momento mais lhe agrada, o deleite com a literatura estará em grande parte garantido. Para que isso aconteça, é necessário recorrer a livrarias ou bibliotecas (ABRAMOVICH, 2006). Entretanto, somente com o apoio de órgãos governamentais e intencionalidade de gestores e professores, o oferecimento de bibliotecas e visitas a livrarias torna-se possível.

2.3 Espaços de Leitura na Educação Infantil

Ao promover atividades de literatura com os diversos suportes textuais, as instituições de Educação Infantil criam nas crianças o gosto e o hábito pela leitura. Assim, se faz necessário a existência de um espaço para armazenar esses materiais.

Os chamados Cantinhos de Leitura encontrados em instituições de EI e Ensino Fundamental, são compostos cada um por uma pequena estante com livros e revistas agrupados em um espaço da sala. Eles buscam atender a convivência diária das crianças com os livros, possibilitando que os pequenos estudantes consultem os exemplares quando sentirem necessidade e que a professora possa contar variadas histórias. A necessidade do agrupamento de livros e revistas, é retratada no livro *Brinquedos e Brincadeiras de Creche* (KISHIMOTO, 2012) e também no documento oficial RCNEI:

Dentre os principais recursos que precisam estar disponíveis na instituição de educação infantil estão os textos, trazidos para a sala do grupo nos seus portadores de origem, isto é, nos livros, jornais, revistas, cartazes, cartas etc. É necessário que esses materiais sejam colocados à disposição das crianças para serem manuseados. Algumas vezes, por medo de que os livros se estraguem, acaba-se restringindo o acesso a eles. Deve-se lembrar, no entanto, que a aprendizagem em relação aos cuidados no manuseio desses

materiais implica em procedimentos e valores que só poderão ser aprendidos se as crianças puderem manuseá-los. (BRASIL, 1998, p. 155-156, vol. 3)

Os cuidados com os materiais literários trazem à tona a questão da escolha do espaço destinado a abrange-los. Muitas vezes, as Bibliotecas Escolares ou Salas de Leitura são espaços desvalorizados, instalados em qualquer lugar, sem iluminação adequada, com pouco espaço e nenhuma ventilação. Segundo Kobayashi (2013, p. 126), “Na maioria das vezes, esses espaços são verdadeiros depósitos disfarçados de bibliotecas, com a função de administrar entulhos bibliográficos descartados por outros departamentos”.

Milanesi (1993) retrata que a realidade das bibliotecas nas escolas brasileiras é a de simples ausência – não existem bibliotecas ou bibliotecários. Esse fato está relacionado ao sistema de ensino que prevalece atualmente não privilegiar a biblioteca, mais ainda – não existe lugar para que ela se firme.

O reconhecimento sobre o baixo número e a ausência de bibliotecas escolares em documentos oficiais é retratado levando em conta o reflexo da mesma nos índices de letramento apresentados, além de afirmar que a questão cultural influencia no oferecimento de serviços em qualidade e quantidade (BRASIL, 2014a)

A definição de biblioteca escolar apresentada por Cabral mostra a preocupação com os novos e pequenos leitores:

As bibliotecas escolares são unidades pedagógicas criadas num determinado espaço com o objetivo prioritário de servir a escola e os seus programas, podendo com benefício garantir a sua articulação e complementaridade com as bibliotecas públicas. Nestas tem-se vindo a ganhar o bom hábito de considerar a existência de um espaço dedicado aos mais novos, proporcionando-lhes um leque de materiais diversos a aguçar o apetite do mais enfasiado. (CABRAL, 1996, p. 80)

Os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil vão além e descrevem de que modo o mobiliário deve ser para que a autonomia infantil seja incentivada:

O mobiliário deve ser planejado para o tamanho de bebês e de crianças pequenas: é preciso que os adultos reflitam sobre a altura da visão das crianças, sobre sua capacidade de alcançar e usar os diversos materiais, arrumando os espaços de forma a incentivar a autonomia infantil. (BRASIL, 2009, p. 50)

A biblioteca escolar tem como público alvo todos os membros da comunidade escolar: os discentes, docentes, gestores, administradores, funcionários das demais áreas, pais e comunidade do bairro em que a instituição está inserida.

Sendo então um espaço da comunidade, é preciso que a população a habite: a população escolar e os demais que dela derivam - “O que, em termos gerais, se espera é que

as populações façam das bibliotecas causa sua, não abduquem do fornecimento de serviços cada vez de maior qualidade, transformando as bibliotecas em autênticos centros de apoio à comunidade” (CABRAL, 1996, p. 50).

Os propósitos pelo qual cada indivíduo ou grupo utiliza a biblioteca escolar pode variar. Para os estudantes, “Ela deve ser vista como um ambiente de aprendizagem livre e aberto, não ameaçador, em que eles possam trabalhar em todos os tipos de tarefas, individualmente ou em grupos” (IFLA/UNESCO, 2002).

Macedo (2005, p. 176), apresenta biblioteca além de suas funções como espaço para leituras, informativo da escola e lugar de empréstimo de livros – um lugar para vivências literárias e profissionais especialistas:

A biblioteca escolar proporciona não somente ambientes de leitura, e não é simplesmente um local onde se obtêm publicações para a leitura domiciliar. A biblioteca escolar não se realiza tão somente como organismo de informação da escola. É muito mais: trata-se de um projeto institucional, em contínuo desenvolvimento, por inúmeros tipos de programas que levam o estudante ao imaginário, à sensibilidade, à diversidade cultural, ao lazer bem dirigido por meio das vivências interiores e experiências estudantis. Todavia, para prover ambientes que ocasionem vivências ao usuário aprendiz, é preciso contar com profissionais em disponibilidade para programar e executar eventos preestabelecidos ou esporádicos. São mediadores da informação que entendem a operacionalização da biblioteca escolar, e estão a par das intenções educativas da escola.

O acervo literário varia de acordo com cada instituição. A média de livros instituída é de 10 livros por cada aluno; as escolas menores devem possuir no mínimo 2.500 itens para atender de forma satisfatória seus usuários (IFLA/UNESCO, 2002).

O Plano Municipal de Educação de Botucatu, no Artigo 9º diz sobre as adequações e ampliações das unidades escolares do município, assegurando em seu inciso IV: “aquisição de livros para as bibliotecas escolares, incluindo obras e materiais produzidos em LIBRAS e Braille” (BOTUCATU, 2015, p. 02). Ou seja, um reconhecimento de que o acervo precisa atender a todos os usuários, contando com aqueles que apresentam determinada deficiência.

Em “Gostosuras e Bobices”, temos a definição estonteantemente bela de biblioteca escolar apresentada como a leveza de uma criança:

E uma biblioteca é um centro de descobertas, de silêncio repousante, de provocação para olhar, mexer e encontrar algo de saboroso ou novidadeiro... de possibilidades de sentar numa mesa e ficar por muito tempo virando páginas e páginas de livros raros, não encontráveis em casa... Um lugar onde se pode folhear qualquer espécie de livro publicado, brincar com dicionários e buscar palavras novas, imagens em livros de arte ou em revistas ou jornais de antigamente... Enciclopédias que têm verbetes sobre tudo, imensas, que pedem tantas vezes que se as leia de pé, tal o tamanho delas. E, sobretudo, possibilidades de encontrar toda espécie de livros que proporcionem

encantamento, ludicidade, prazer, descobertas... Há tantos!!! É só escolher... (ABRAMOVICH, 2006, p. 162-163)

A biblioteca tem ainda como outra função, possibilitar o convívio entre as diferenças, sejam elas encontradas entre os alunos, nos livros ou em ideologias. Com a convivência e o diálogo, surge a aceitação e a tolerância para com o outro:

Neste contexto, a organização e os serviços prestados pela biblioteca infantil são de extrema importância para o desenvolvimento formal, intelectual e social do indivíduo, oportunizando o primeiro contato com o livro e o universo da leitura. Entretanto, a contribuição do ambiente não se restringe a práticas de estímulo à leitura, pois também proporciona momentos de socialização entre as crianças, permitindo o convívio saudável, a troca de experiências e o estabelecimento de vínculos efetivos e sociais. (KOBAYASHI, 2013, p. 125)

A catalogação dos livros, um processo importante que vai além do cadastramento de itens, controla o acervo e atua como elo facilitador da comunicação entre a biblioteca e o usuário (PIMENTEL, 2007).

A classificação utilizada no acervo costuma variar entre as mais conhecidas: Classificação Decimal de Dewey (CDD) ou Classificação Decimal Universal (CDU). Com o acervo infantil, a classificação muda e utiliza-se prioritariamente cores e figuras:

Para uma biblioteca infantil, sugere-se uma classificação mais simples e de fácil acesso aos usuários que são na maioria crianças, a qual pode ser, por exemplo, classificação por cores ou figuras. A classificação por cores é fácil e prática para as crianças. É possível manter os livros nas prateleiras ordenados por tamanho, assunto, coleção, autor, faixa etária, entre outras formas. O importante é priorizar o pequeno leitor. A identificação pode ser por cor ou por figuras. (KOBAYASHI, 2013, p. 130)

A principal função da biblioteca é atender o leitor, satisfazê-lo literalmente. O oferecimento de bibliotecas deve partir das diversas instâncias governamentais, mas a política somente destinará verbas se o espaço de leitura tiver apoio da comunidade escolar:

A política deve especificar quando, onde, para quem e por quem todo o potencial da biblioteca é projetado. Sua implementação somente ocorrerá se toda a comunidade escolar der apoio e colaborar para o alcance das finalidades e objetivos estabelecidos. Dessa forma, a política deve ser redigida com o maior envolvimento que se possa obter (IFLA/UNESCO, 2002)

Sendo a biblioteca o espaço fantástico de interação, leitura, conhecimentos, descobertas e convivência, deve-se lutar para que aumente de forma quantitativa e qualitativa, pois, “Prestar ajuda à biblioteca é contribuir para o desenvolvimento cultural das pessoas, principalmente dos estudantes” (MILANESI, 1989, p.98).

3. Biblioteca Escolar/Sala de Leitura na Educação Infantil em Botucatu – SP

3.1 A metodologia da pesquisa

A pesquisa é caracterizada como um estudo de caso, definida por Robert Yin (2010, p. 39) como “investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”, nessa pesquisa, a caracterização do espaço de Biblioteca Escolar/Sala de Leitura.

A abordagem utilizada é qualitativa; os dados foram coletados e analisados descritivamente e interpretados a partir do referencial teórico. Além de entrevista com as gestoras, utilizamos o instrumento observação de campo sobre o espaço.

3.1.1 Locais e participantes

A pesquisa foi realizada na cidade de Botucatu, com população de 139.483 habitantes (IBGE, 2015), situada na região centro sul no interior do estado de São Paulo. O município conta com 50 escolas de Educação Infantil que atendem creche e pré-escola, sendo 24 municipais e 26 particulares ou conveniadas (EDUCATU, 2013). O município atende também distritos como Anhumas, Vitoriana e Rubião Júnior. Para esse estudo, priorizamos as escolas municipais da cidade.

Para iniciar a pesquisa, conversamos com uma das profissionais responsáveis pela Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação (SME) afim de explicar os objetivos da pesquisa, seguindo com a entrega de carta solicitando autorização para pesquisar nas escolas. Concedida a autorização, houve o contato telefônico com as gestoras para definir quais escolas públicas municipais possuíam Biblioteca ou Sala de Leitura.

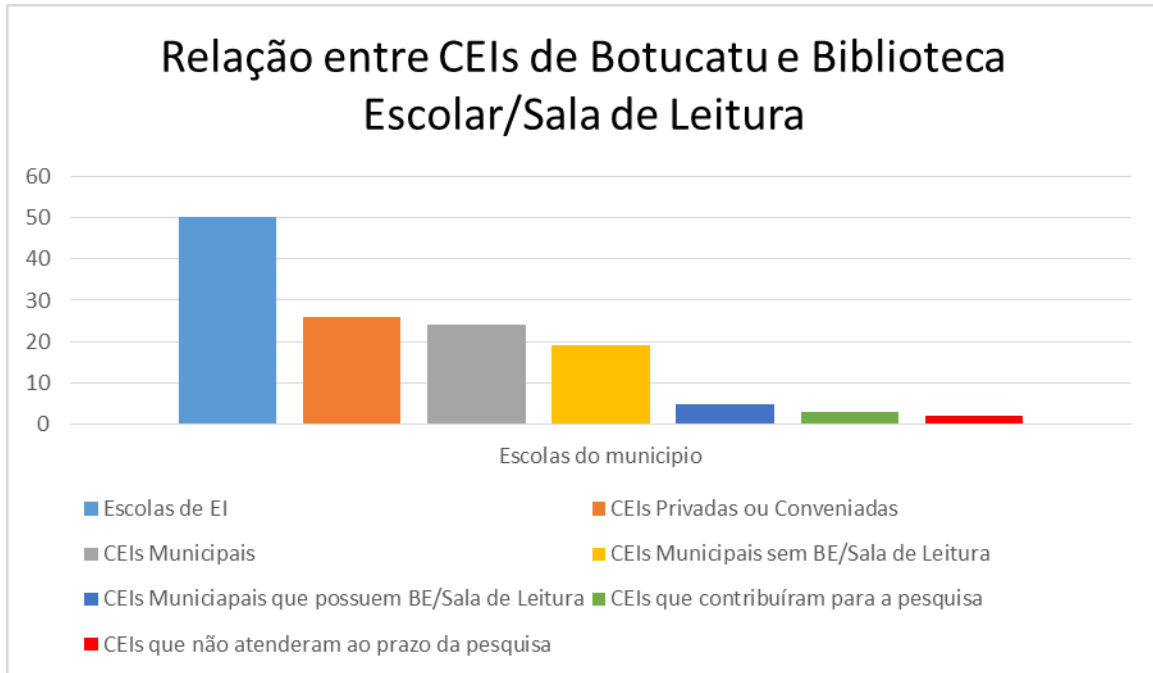
Das vinte e quatro escolas que entramos em contato, somente cinco afirmaram possuir Biblioteca. As demais escolas alegaram falta de espaço para um lugar específico como Sala de Leitura ou Biblioteca, afirmando possuir em suas salas os “Cantinhos de Leitura”.

Com as cinco escolas marcamos encontro para conversar com as gestoras e conhecer as instituições e em especial as bibliotecas ou salas de leitura. Os encontros mostraram que uma das escolas estava em reformulação dos ambientes, logo, não seria possível a coleta de

dados; outra escola estava em período de matrícula e com baixo número de funcionários, logo, não conseguimos coletar os dados necessários. Trabalharemos então com três escolas.

O gráfico a seguir ilustra os dados:

Gráfico 1:



Fonte: dados agregados pela autora.

3.1.2 Delineamento e procedimentos de coleta de dados

Nas escolas pesquisadas, em um primeiro momento, foi observado o espaço em que a Biblioteca ou Sala de Leitura foi instalada, para identificação e descrição dos materiais que compõem o acervo literário; também foram observados os móveis e espaços que rodeiam o ambiente em questão.

Para a coleta de dados foram utilizados instrumentos como: Os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil; Roteiro para Observação de Campo e Entrevista com as Gestoras (diretoras ou coordenadoras pedagógicas), com questionário que segue em apêndice.

Posteriormente a coleta dos dados e dos estudos apresentados na pesquisa referencial teórica, demos início ao procedimento de análise e classificação dos dados.

3.2 Análise descritiva e interpretativa

A localização das escolas pesquisadas pouco varia, em comparação com as demais, as regiões são semelhantes. O quadro abaixo ilustra a caracterização do bairro em que a escola está inserida de acordo com a área:

Quadro 1: Localização das instituições escolares

Área	Escola 1	Escola 2	Escola 3
Comercial		X	
Residencial	X		X

A instituição mantenedora das escolas é a Prefeitura do município, visto a obrigatoriedade do oferecimento de creches e pré-escolas ser prioridade dos municípios e não mais função do estado.

A classe social do público alvo das escolas é heterogênea e é unânime a presença das classes média e baixa nas três escolas; mesmo com as instituições se localizando em bairros afastados entre si, a clientela possui os mesmos traços econômicos.

Quanto à infraestrutura das instituições, um outro dado geral para todas, os espaços foram adaptados para a Educação Infantil.

A Escola 1 funciona em um prédio planejado para receber alunos de Ensino Fundamental, que com algumas reformas e adaptações consegue atender a clientela infantil satisfatoriamente com variados ambientes ao ar livre e demais espaços. A Escola conta também com muitas áreas verdes, com árvores frutíferas e flores.

A Escola 2 funciona em um prédio adaptado localizado ao centro da cidade. Apesar do local não ter sido construído para a Educação Infantil, a organização possibilitou espaços importantes como solário e parques externos e internos.

A Escola 3 funciona em um prédio antigo e teve alguns ambientes reformados, criados e adaptados para melhor atender as crianças.

3.2.1 Identificação e Horário de Funcionamento

O horário de funcionamento das Salas de Leitura e Bibliotecas, com variação de poucos minutos, costuma ser de 07h à 17h, pois funcionam juntamente com as escolas, permanecendo abertas durante todo o período.

A identificação dos espaços foi encontrada somente em duas das três escolas pesquisadas, como ilustram as fotos a seguir:



Figura 1 – Escola 1, identificação Sala de Leitura (arquivo da pesquisadora)



Figura 2 – Escola 2, identificação Biblioteca (arquivo da pesquisadora)

A Escola 2, excepcionalmente, foi a única entre as escolas pesquisadas a receber um nome e a ser inaugurada na mesma data que a escola: outubro de 2009. O nome recebido, “Prof.^a Carmen Silvia de Almeida”, homenageia a professora que se dedicou a Educação no município e arredores até um ano antes de sua morte:



Figura 3 – Escola 2, placa de identificação com nome da Biblioteca (arquivo da pesquisadora)

A Escola 3, caracterizada pela diretora como “Biblioteca Itinerante”, não possui placa de identificação pelo fato de ser somente uma estante de aço abrigando inúmeros livros em local sem grandes planejamentos.

A iniciativa de organizar os livros e buscar uma prateleira que pudesse comportá-los foi da gestora. Anteriormente os livros estavam alocados em caixas e armários, chegando a se deteriorarem por não receberem cuidados, segundo depoimento da mesma.

A diretora reconhece a precariedade da situação, mas busca melhorias e esta foi uma maneira de oferecer para os alunos e funcionários o contato com os livros sem que fosse

necessário passar horas a fio procurando em armários um título que possivelmente teria se perdido pela falta de controle ou arruinado pela falta de ventilação e pelo mau armazenamento.

3.2.2 Recursos Humanos

Os profissionais com quem a pesquisadora teve contato nas escolas não eram formados em Biblioteconomia e nem possuíam como única função atividades relacionadas à Sala de Leitura ou Biblioteca.

A responsabilidade quanto ao cuidado, ao contato e ao desenvolver das atividades, segundo as gestoras, é de toda a equipe escolar, que deve fazer do espaço e do acervo um local limpo, conservado e atualizado, vivo.

Durante o uso, o próprio professor ou atendente é o responsável. Se for preciso, o auxílio quando ao acervo ou agendamento virá da secretaria ou da diretoria, onde encontra-se o livro catalográfico.

Quadro 2: Responsáveis pelo suporte a Biblioteca ou Sala de Leitura

Cargo	Escola 1	Escola 2	Escola 3
Secretárias		X	
Gestoras (Diretora e Coordenadora)	X		X

3.2.3 Mobiliário e Equipamentos

Por conta das três escolas pesquisadas ou atuarem em prédios adaptados para a Educação Infantil ou estar instalada em prédio antigo, a Sala de Leitura ou Biblioteca não possui um espaço grande e adequado como se deseja.

A Escola 1 reformou e adaptou um antigo depósito para que fosse instalada a Sala de Leitura na escola. O espaço é localizado entre o pátio e a divisão das salas.

Na Escola 2, no momento em que se discutiam e escolhiam os espaços para a Educação Infantil, uma pequena sala foi selecionada para receber a Biblioteca. Esta sala recebe luz natural e ventilação através de altas janelas e é encontrada próxima a uma sala onde se guardam as peças de Lego e demais materiais lúdicos e salas de Maternal.

A Escola 3, fez uso de um espaço utilizado para guardar alguns brinquedos como por exemplo velotróis, para instalar também a Biblioteca Itinerante. Neste espaço, as atendentes e professoras são responsáveis por escolher e selecionar os materiais que farão uso para então levar aos alunos. O espaço é aberto e fica próximo ao corredor entre as salas da Educação Infantil.

Com um espaço pequeno, torna-se impossível manter o conforto e muitos móveis. A solução encontrada nas duas escolas em que os alunos frequentam o espaço da Sala de Leitura ou Biblioteca, foi utilizar almofadas do estilo puff.

Na Escola 1, além de um tapete almofadado, foram encontrados disponível para uso das crianças, 3 grandes puffs em formato de dado e algumas pelúcias como flor, coração, smile. Para facilitar o uso, os puffs já ficam sub o tapete e após o uso são encostados na parede para facilitar a circulação pelo espaço da Sala de Leitura.

Na Escola 2, são usadas peças de E.V.A. como tapete e as crianças podem utilizar 20 puffs para se acomodarem, estes em formato de bichinhos coloridos e variados entre gatos, cachorros, tartarugas e sapos. Há ainda um puff quadrado tradicional para uso da atendente ou professora. Antes e após o uso, os puffs de bichinhos ocupam a última prateleira de todas as estantes e o puff quadrado fica próximo a porta da Biblioteca.



Figura 4 – Escola 1, tapete e puffs em formato de dado (arquivo da pesquisadora)



Figura 5 – Escola 2, tapete E.V.A. e puffs em formato de bichinhos (arquivo da pesquisadora)



Figura 6 – Escola 2, puff quadrado (arquivo da pesquisadora)

A Escolas 1 e 2 possuem revistários - móveis utilizados para deixar materiais expostos, comumente jornais e revistas -, entretanto, utilizam de maneiras diferentes: a Escola 1 utiliza seus 2 revistários lado a lado para abrigar diversos livros, já que a única estante de aço disponível não dá conta do acervo literário; a Escola 2 utiliza seus 2 revistários um em frente ao outro com variadas revistas.



Figura 7 – Escola 1, revistários (arquivo da pesquisadora)



Figura 8 – Escola 2, revistários (arquivo da pesquisadora)

A Sala de Leitura da Escola 1 possui uma estante de aço na cor cinza, com 6 divisões utilizadas como prateleiras. As prateleiras são ocupadas por uma caixa de Fantoches e Dedoches e muitos livros.

A Biblioteca da Escola 2 conta com 8 estantes de aço pequenas e coloridas, cada uma possui 4 divisões usadas como prateleiras. Além dos livros, as prateleiras guardam também os puffs de bichinhos.

A Biblioteca Itinerante da Escola 3 tem uma estante de aço na cor cinza, com 10 divisões com função de prateleiras. Livros compõem o acervo ali organizado.

As estantes da Biblioteca da Escola 2 são mais baixas e possuem detalhes diferentes em comparação com as estantes das outras duas escolas pesquisadas.



Figura 9 – Escola 1, estante de aço (arquivo da pesquisadora)



Figura 10 – Escola 3, estante de aço (arquivo da pesquisadora)



Figura 11 – Escola 2, estantes de aço (arquivo da pesquisadora)

Os Bibliocantos, estruturas em aço feitas para que os livros não escorreguem nas prateleiras, foram encontrados nas três escolas. Nas Escolas 1 e 3, de modelo simples, na cor cinza. Na Escola 2, na cor vermelha em modelo de joaninha ou borboleta.



Figura 12 – Escola 1, bibliocantos (arquivo da pesquisadora)



Figura 13 – Escola 3, bibliocantos (arquivo da pesquisadora)



Figura 14 – Escola 2, bibliocanto joaninha (arquivo da pesquisadora)



Figura 15 – Escola 3, bibliocanto borboleta (arquivo da pesquisadora)

Os espaços das três escolas pesquisadas não possuem computadores ou televisores, visto que se tratam de locais extremamente pequenos. Existem outros ambientes nas instituições com estes instrumentos destinados a cumprir as funções determinadas.

A Escola 1 possui também em seu acervo na Sala de Leitura, um palco utilizado durante Contação de Histórias com Fantoches ou Dedoches. A Biblioteca da Escola 2 possui um ventilador fixo.

3.2.4 Atividades oferecidas

As escolas pesquisadas afirmaram desenvolver diversas atividades com seus alunos. Observando a aceitação das crianças, uma das escolas desenvolveu um macro-projeto de leitura envolvendo também a comunidade. O projeto que foi desenvolvido durante todo o ano de 2015, recebeu o título “Ler, contar e sonhar”. Apesar de claramente estar relacionado com a leitura, o projeto também visava o desenvolvimento das crianças em outras áreas do conhecimento. A finalização do projeto ocorria com o “Baú de Histórias”, uma festa onde os pais e a comunidade assistem apresentações discentes de teatro baseadas em histórias com dança e música.

Conforme mostra o quadro a seguir, as atividades executadas com as crianças nas escolas costumam variar, mas sempre buscando a diversão, o conhecimento e a habilidade de leitura, seja ela de imagens, letras ou textos.

Quadro 3: Atividades oferecidas

Atividade	Escola 1	Escola 2	Escola 3
Empréstimo	X		
Pesquisa	X		X
Contação de Histórias	X	X	X
Outras		X	

Ao questionar a coordenadora da Escola 2 que optou em preencher a opção “outros” sob os serviços oferecidos, ela explicou que seria pelo fato das atendentes e professoras utilizarem a Biblioteca para que os alunos procurem nos livros e revistas indicações do assunto que está sendo trabalhado em sala. O que também ocorre com as atividades de pesquisa – uma falha da pesquisadora ao montar a entrevista.

Quanto as atividades desenvolvidas, todas as gestoras frisaram que as salas possuem os Cantinhos de Leitura, onde os alunos estão livres para revisitar os livros que gostam e os lerem novamente. Esses livros também são trabalhados pelas atendentes e professoras. O empréstimo de itens aos funcionários é liberado nas três escolas pesquisadas.

A Escola 2 faz empréstimo de livros para os alunos utilizando o acervo disponível nos Cantinhos de Leitura das salas, permanecendo assim os livros da Biblioteca para consulta e atividades dentro da escola.

A gestora da Escola 3 optou por não realizar empréstimo para os alunos pelo fato de muitos livros emprestados não retornarem à escola ou voltarem em situações precárias. Assim, a professora recorre a estante, escolhe os livros que usará, leva para a sala e depois guarda novamente.

3.2.5 Acervo

O acervo encontrado nas escolas pesquisadas variou somente em número, pois em todas as instituições a pesquisadora pode ver gibis e livros variados.

Ao contrário das grandes Bibliotecas em que é possível até se perder nos volumes visto a variedade e a quantidade de títulos encontrados, nas escolas aqui referidas, o acervo literário é pequeno.

Além dos clássicos livros de fábulas, contos de fada, piadinhas e contos, encontramos deliciosos livros em que as imagens saltam do plano principal; livros em que apertando

alguns botões, sons acompanham ou narram as histórias; livros em papelão, de diversas cores, tamanhos variados, de muitas e minúsculas letrinhas e também só com ilustrações.



Figura 16 – Escola 2, livros (arquivo da pesquisadora)

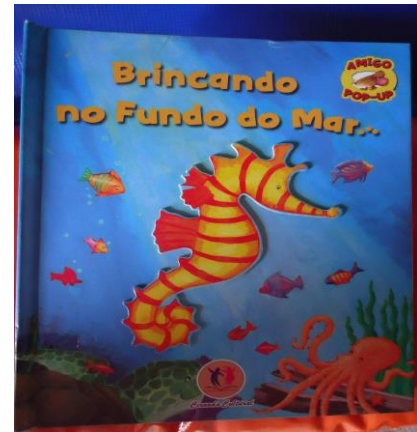


Figura 17 – Escola 3, livro pop-up (arquivo da pesquisadora)



Figura 18 – Escola 3, livro traços orientais (arquivo da pesquisadora)



Figura 19 – Escola 1, livro brinquedo (arquivo da pesquisadora)

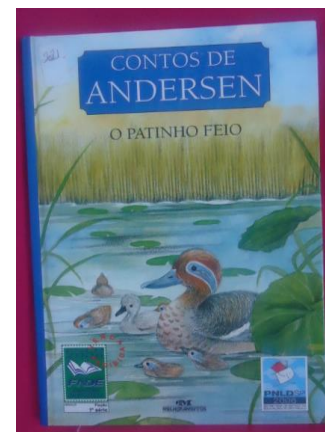


Figura 20 – Escola 1, livro conto (arquivo da pesquisadora)

O acervo das escolas pesquisadas é em grande parte adquirido através do FNDE com o PNBE, da SME e também de doações. Em todas as escolas a pesquisadora pode encontrar muitos livros com o selo FNDE, vide as figuras. A Escola 1 faz uso de verbas da escola para adquirir alguns títulos e enriquecer sua Sala de Leitura. A Escola 2 ressaltou os programas de doação de livros de uma empresa bancária como uma das formas de adquirir volumes para a Biblioteca.

Os gibis encontrados são de clássicos da Disney como Tio Patinhas e da Turma da Mônica, com os personagens tão conhecidos – Chico Bento, Magali, Cascão, Mônica, Cebolinha, Franjinha.

Quanto às revistas, somente na Escola 2 elas ficavam na Biblioteca. Nas escolas 1 e 3 eram mantidas na Sala dos Professores. Para trabalhar com as crianças, as revistas iam até a sala. As atividades variam desde folhear as páginas das revistas; observar as imagens, letras e palavras; recorte e demais trabalhos específicos de acordo com o tema desenvolvido pelas atendentes e professoras.

3.2.6 Usuários frequentes

Em entrevista com as gestoras das três escolas, a pesquisadora pode perceber que a maioria dos funcionários são leitores assíduos; uns leem mais, outros menos, mas todos se interessam pelo universo literário.

As professoras e atendentes também buscam pesquisar nos livros didáticos maneiras de enriquecer suas aulas; nos livros paradidáticos, que na Escola 2 ficam na sala dos professores e na Escola 3 junto com os demais livros, a melhor forma de trabalhar o conteúdo.

O público discente, segundo as gestoras das Escolas 1 e 2, desde o Berçário até a Etapa 2, ou seja, de 04 meses a 6 anos incompletos, frequentam a Sala de Leitura ou a Biblioteca. Na Escola 3 todas as salas participam também, com a variável de que os livros vão até as crianças e não a criança ao espaço onde os livros se encontram.

Foi unânime nas três escolas o fato da comunidade não se caracterizar como usuária da Sala de Leitura ou Biblioteca. As gestoras optaram por não abrir o acesso ao espaço para a comunidade pelo fato dos extravios de livros e por falta de um horário específico para a comunidade, visto que as salas realizam atividades dentro da Sala de Leitura ou Biblioteca, inviabilizando permanência de terceiros.

Sendo assim, os usuários da Sala de Leitura, da Biblioteca e da Biblioteca Itinerante, nas Escolas 1, 2 e 3; são os alunos, atendentes, professoras, gestoras e demais funcionários.

3.2.7 Caracterização do espaço

Ao pedir a funcionária participante - em todas as escolas uma das gestoras -, que caracterizasse o espaço de leitura em sua totalidade, levando em conta o acervo, o espaço disponível, a conservação dos itens e os serviços oferecidos em ruim, regular, bom ou ótimo; a pesquisadora sentiu que a mesma hesitava, pois reconhece que o acervo é de qualidade, mas itens como o espaço precisam de melhorias.

A caracterização geral feita pelas gestoras das escolas pesquisadas pode ser observada no quadro a seguir:

Quadro 4: Caracterização do espaço e acervo

Caracterização	Escola 1	Escola 2	Escola 3
Ruim			
Regular		X	X
Bom	X		
Ótimo			

A Sala de Leitura, a Biblioteca Escolar e a Biblioteca Itinerante não foram caracterizadas como “ótima” pela consciência das gestoras de que é possível melhorar sempre.

3.2.8 Catalogação e classificação

O acervo das escolas que fazem parte dessa pesquisa, não segue nenhuma ordem de classificação. A pesquisadora reconhece que as Classificações utilizadas são normas técnicas aprendidas e estudadas no curso de Biblioteconomia, portanto, um conhecimento específico do profissional Bibliotecário e que não faz parte da rotina de estudos dos cursos de licenciatura.

A catalogação está presente nas três escolas, os títulos adquiridos são registrados em livros ata, exceto na Escola 2 que cataloga os livros pelo computador. O critério para registro faz uso de alguns dados do livro como: nome, autor, quantidade de exemplares. Após esse processo, o livro recebe um número que é dado em forma crescente pois corresponde a quantidade de livros do acervo.

Os gibis não são catalogados e as revistas antigas são alocadas em caixas com identificação do nome e ano.

A Biblioteca Itinerante da Escola 3 utiliza o número que o livro recebeu com a catalogação como forma de organizar o acervo e classificar os livros, buscando sempre mantê-los em ordem crescente a partir do número gravado na etiqueta localizada na lombada dos exemplares.

programas do governo em todas as instâncias voltados ao espaço de leitura que atendessem as escolas e o conhecimento das legislações por meio das gestoras.

Somente na Escola 3 a Biblioteca Itinerante não fazia parte do PPP, visto que foi implantada após a construção do documento. A diretora se comprometeu a retratá-la na construção do Projeto no ano de 2016.

As três escolas recebem material literário da SME – instância municipal -, e do FNDE e PNBE – instância nacional.

As gestoras alegaram não ter conhecimento das legislações que regem esse trabalho e que as próprias não são divulgadas.

Outro ponto unânime entre as gestoras além da iniciativa de montar o espaço voltado à leitura é o interesse em participar de algum curso de capacitação voltado para a área da Biblioteca Escolar.

Questionadas quanto ao oferecimento de cursos ou palestras para a Biblioteca na escola, as gestoras afirmaram que durante o tempo em que estão atuando nas escolas de EI do município não receberam nenhum convite ou convocação por meio da SME para participarem.

Nesse momento, a pesquisadora lembrou-se que ao levantar dados para os estudos teóricos, deparou-se com um documento organizado e disponibilizado em meios eletrônicos pelo MEC, sendo endereçado a funcionários que trabalham em Bibliotecas Escolares nas instituições públicas.

O documento será encaminhado juntamente com a pesquisa final para a SME e CEIs participantes.

Considerações Finais

O que dizer ao término de uma pesquisa que teve como questão geradora “conhecer como são as bibliotecas ou salas de leitura nos CEIs de Botucatu – SP”?

Para uma aluna de final de curso de Pedagogia, a pesquisa de campo resultou em uma surpresa, pois nossa hipótese inicial era de que grande parte das escolas possuísse um espaço destinado a leitura além do denominado “Cantinho de Leitura” encontrado em todas as escolas.

O que no decorrer da coleta de dados, no caso no levantamento bibliográfico e na pesquisa de campo, mostrou outra realidade.

Os estudos teóricos possibilitaram uma ampla compreensão da legislação vigente, que juntamente com a coleta de dados apresentaram a realidade encontrada quanto ao tema Biblioteca Escolar na Educação Infantil. A pesquisa contribuiu também para que o objetivo geral dessa pesquisa, o de conhecer, caracterizar e analisar as bibliotecas de CEIs de Botucatu, fosse alcançado, juntamente com os objetivos específicos.

Analisando os dados e traduzindo-os em porcentagem, observamos que do número de 24 escolas pesquisadas, apenas 20,8% possui Biblioteca Escolar ou Sala de Leitura, ou seja, 5 CEIs municipais de Botucatu – por motivos retratados, a pesquisa levou em conta 3 das 5 escolas.

Os estudos realizados no curso de Pedagogia confirmam o dito nessa pesquisa sobre como o contato das crianças com os livros desde os primeiros anos de vida é de extrema importância para sua vida escolar e personalidade leitora, já que vivemos em uma sociedade letrada que exige letramento.

A pesquisa permitiu concluir que a necessidade de espaços destinados a leitura, nomeados como Biblioteca Escolar ou Sala de Leitura dentro de instituições de EI não se constitui ainda como realidade. Um dos fatores levados em conta é o fato de que o público alvo dessas instituições ainda não seja alfabetizado. Entretanto, sabe-se que não é possível aprender algo sem que se tente, ou seja, tenha contato e faça experiências.

No que se refere aos objetos lúdicos com que a criança tem contato nas CEIs, lembramos que os livros entram como “brinquedos de letrinhas”. A atividade de brincar, tão comum e particular a infância, deve ser utilizada com intencionalidade nesses espaços, a fim de que se tenha conhecimento da aprendizagem da criança e se permita avançar. Proporcionar situações e experiências de leitura, sejam elas de histórias, de imagens ou de

mundo, é papel da escola, que em muitos casos será a responsável por iniciar a criança no mundo da leitura.

Quanto à pesquisa de campo desenvolvida no trabalho presente, fica a surpresa quanto ao pequeno número de CEIs que possuem BE/Sala de Leitura. A pesquisadora compreende que não é possível as gestoras, que se mostraram demasiadamente esforçadas, e os demais responsáveis pelo espaço carregar em si naturalmente o conhecimento técnico necessário para administrar uma Biblioteca, mesmo bibliotecários estudaram para obter dados dessa ciência.

A falta de bibliotecários, o espaço físico pequeno ou inexistente, o mobiliário e os equipamentos em baixo número além da catalogação e classificação sem muitos critérios, influenciam diretamente no oferecimento e na qualidade da BE/Sala de Leitura. Um olhar atento às necessidades das crianças de CEIs paira sob os espaços planejados intencionalmente para que brincando os pequenos aprendam. Nestes, inclui-se espaços destinados a leitura.

As atividades oferecidas, a qualidade do acervo - mesmo que em grande parte escolhido sem a participação das gestoras que conhecem sua clientela escolar - e a frequência dos usuários nos espaços de leitura das três escolas pesquisadas, apontam que a BE/Sala de Leitura dentro das instituições de EI atuam positivamente na formação das crianças que são e no futuro se aperfeiçoaram ainda mais como leitores.

Um destaque especial para o ponto da pesquisa que revela o desconhecimento das legislações e materiais disponíveis sobre BE/Sala de Leitura por parte das gestoras. O conhecimento sob os referidos documentos possibilitaria embasamento para realizar cobranças, adequações e finalmente instalações dos espaços de leitura nas instituições de EI.

As gestoras da CEIs participantes da pesquisa mostraram em sua fala, no momento da entrevista, no espaço por elas conquistado e organizado e na busca pelo oferecimento de bons livros aos alunos a intencionalidade e criticidade tão necessárias à educação.

Os trâmites burocráticos marcaram todo o desenvolvimento do trabalho: a pesquisadora encontrou problemas quanto à documentação e o tempo escasso.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

BOTUCATU. SME – Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Botucatu. **Referencial Curricular Municipal da Educação Infantil**. Botucatu, 2013. Disponível em: <<http://www.educatu.com.br/22-educacao-infantil/299-referencial-curricular-municipal-da-educacao-infantil.html>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

BOTUCATU. SME – Secretaria Municipal de Educação. Prefeitura Municipal de Botucatu. **Plano Municipal de Educação**. Botucatu, 2015. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/plano-municipal-de-educacao-botucatu-sp>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

BRASIL. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. FNDE. 1968. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/fnde/institucional/quem-somos>>. Acesso em: 19 set. 2015.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL, LEI n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República - Casa Civil. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 de nov. 2015.

BRASIL. **Programa Nacional Biblioteca na Escola**. PNBE. 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 19 set. 2015.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, 3 vol.

BRASIL, Ministério da Educação. **Indicadores de Qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEF, 2010.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. 35.ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2012.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Caderno do PNLL**. Brasília, MINC: 2014. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660>. Acesso em: 19 set. 2015. (a)

BRASIL, **Plano Nacional de Educação 2014-2024**. LEI n.º 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2014. <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. 2015 (b)

CABRAL, Maria Luísa. **Bibliotecas: acesso, sempre**. Lisboa: Edições Colibri, 1996. (Edição: Fernando Mão de Ferro).

EDUCATU. **Secretaria Municipal de Educação de Botucatu**. SME, 2013. Disponível em: <<http://www.educatu.com.br/a-secretaria>>. Acesso em: 18 out. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE – Cidades**. 2015 [online]. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=350750>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

IFLA/UNESCO. **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar**. Traduzido por Neusa Dias de Macedo. 1999. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2015.

IFLA/UNESCO. **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a Biblioteca Escolar**. Traduzido por Neusa Dias de Macedo. 2002. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em: 18 out. 2015.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras de creche**. Brasília: MEC, 2012.

KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro (Org.). **Projetos em educação infantil: indissociabilidade da extensão universitária, do ensino e da pesquisa na Unesp**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro (Org.). **Literatura infantil na formação do leitor: teorias e vivências**. Bauru: Canal6, 2013.

MACEDO, Neusa Dias de. **Biblioteca escolar brasileira em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. Senac São Paulo: Conselho Regional de Biblioteconomia – 8ª Região, 2005.

MILANESI, Luiz. **Ordenar para desordenar – Centros de cultura e bibliotecas públicas**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MILANESI, Luiz. **O que é biblioteca**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

PIMENTEL, Graça. **Biblioteca Escolar**. Brasília: UnB, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em 16 dez. 2015.

SÃO PAULO (Estado). **Resolução SE nº 15, de 18 de fevereiro de 2009**. Lex: Dispõe sobre a criação e organização de Salas de Leitura nas escolas da rede estadual de ensino. São Paulo, 2009. Disponível em:

<<http://www.educacao.sp.gov.br/lise/sislegis/pesqorient.asp?ano=2009>>. Acesso em 29 dez. 2015.

SÃO PAULO (Estado). **Resolução SE nº 70, de 21 de outubro de 2011**. Dispõe sobre a instalação de Salas e Ambientes de Leitura nas escolas da rede pública estadual. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/lise/sislegis/pesqorient.asp?ano=2011>>. Acesso em 29 dez. 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso - Planejamento e Métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Roteiro de observação

1. Observação da BE/Sala de Leitura

Como é a entrada? Existe alguma placa, cartaz ou arte próximo à entrada? Quem apresentou a BE? A porta permanece aberta ou fechada? Como é o espaço físico? A iluminação é suficiente? Os materiais expõem ou escondem objetos? Quais e quantos móveis existem na BE? Existem computadores para pesquisas? Há televisor para exibir vídeos ou filmes? Quais objetos compõem o espaço? O acervo é de que tipo? Há livros de quê? Como o acervo é organizado visualmente? É adequado para a clientela da escola? Há assinaturas de jornais e revistas? Há algum selo do governo ou materiais recebidos do mesmo visível? Existe alguma tabela com as atividades que são desenvolvidas e os horários? Existe algo que indique o horário de funcionamento do espaço?

2. Durante a entrevista

O responsável pela BE/Sala de Leitura apresenta ter claro para si a importância da mesma no ambiente escolar? O responsável tem facilidade de responder as perguntas e procurar documentos? O responsável aparenta ter um bom contato com os gestores e demais profissionais da escola? O bairro em que a BE está situada é caracterizado como industrial, comercial, periférico ou residencial?

3. Documentos de inserção, manutenção e Leis

Como a BE foi implantada? Há quanto tempo existe? Recebe apoio do Governo Municipal, Estadual ou Federal? Há PPP da escola? A BE é citada no PPP? Qual é o papel da BE de acordo com o PPP? Há alguma referência do responsável pela BE ao Manifesto IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), Plano Municipal de Educação ou demais documentos oficiais? Existe treinamento teórico ou prático para o responsável pela BE? A BE recebe fundos ou acervos de algum programa como Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE), Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) ou outro programa?

4. Caracterização dos usuários

Qual é a realidade econômica da clientela escolar? Qual a faixa etária? Os professores frequentam a BE? A comunidade ao redor da escola está autorizada a participar do espaço? Há empréstimos do acervo? Há regularidade na frequência pelos usuários?

APÊNDICE II - Entrevista

Essa entrevista semiestruturada tem como objetivo contribuir com a pesquisa da aluna de licenciatura plena em Pedagogia da Unesp - Bauru Miriane Soares Justo sob o tema “Biblioteca Escolar: Espaço de construção do conhecimento para a Educação Infantil”. Lembramos que a pesquisa foi autorizada pela equipe da Secretaria de Educação e o nome da instituição e dos entrevistados serão mantidos em sigilo.

1. Nome da biblioteca e data da inauguração:

2. Horário de funcionamento:

3. Recursos Humanos:

a) Nome:

b) Grau de instrução/formação:

c) Função:

d) A quanto tempo trabalha em Biblioteca/Sala de Leitura?

e) Com que frequência lê livros infantis e infanto-juvenis?

4. Sobre a BE/Sala de Leitura:

a) Quais serviços são oferecidos?

Empréstimo ()

Pesquisa ()

Contação de Histórias ()

Outros ()

b) Quem são os usuários frequentes?

Alunos ()

Professores ()

Funcionários ()

Pais ()

Comunidade ()

Outros ()

c) Qual a faixa etária dos usuários?

d) Como você caracteriza o espaço:

Ruim () Regular () Bom () Ótimo ()

e) O que poderia melhorar em sua visão?

f) Qual é a realidade social, econômica e afetiva dos usuários discentes?

5. Sobre o acervo:

a) Como o acervo é adquirido:

Doações () Compras () Programas do Governo () Outro ()

b) Que tipo de itens fazem parte do acervo que podem ser emprestados? (Ex.: Acervo impresso: gibis, livros de literatura: infantis diversos – pop-up, travesseiro, sonoro, de banho, sem texto, de história em quadrinhos-, infanto-juvenis, livros didáticos, enciclopédias, revistas, dicionários; recursos eletrônicos: CDs, DVDs)

c) Como você caracteriza o acervo (0 a 10) quanto a:

Quantidade	
Qualidade	
Conservação	

d) Quem é o responsável pelo espaço?

e) Quem aplica as atividades (empréstimo e atividades pedagógicas)

6. Sobre os documentos da BE/Sala de Leitura e Classificação do material:

- a) Existem documentos sobre os empréstimos anuais, compras de materiais, compilado de atividades, frequência, agenda para uso do espaço, entre outros? Cite os:

- b) Como os materiais são classificados? Ex.: Classificação Decimal Universal - CDU, Classificação Decimal de Dewey - CDD, Classificação por Cor, Classificação por Símbolos.

7. Sobre os documentos legais:

- a) A BE/Sala de Leitura é citada nos documentos da Escola como o PPP e Plano Anual?

Sim ()

Não ()

- b) A Escola é cadastrada/participa de algum programa do Governo Nacional, Estadual ou Municipal? De que tipo? Recebe alguma verba ou apoio?

- c) Algum programa ou órgão do Governo oferece curso de formação voltado para a BE?

- d) O que você sabe sobre o Manifesto IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares, as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), Plano Municipal de Educação, resoluções do estado de São Paulo SE – 15, de 18/02/2009 e SE – 16, de 05/02/2010 e demais documentos oficiais sobre Biblioteca Escolar e Sala de Leitura?

Muito obrigada pela sua participação!